

RODRIGO MAGALHÃES VIEIRA

FABIANO LANGE SALLES

CURADORIA DE RECURSOS DIDÁTICOS:

FOLCLORE EM MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA



**IMPERIAL
editora**

RIO DE JANEIRO, 202

**RODRIGO MAGALHÃES VIEIRA
FABIANO LANGE SALLES**

**CURADORIA DE RECURSOS DIDÁTICOS:
FOLCLORE EM MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA**

1ª EDIÇÃO



RIO DE JANEIRO, 2025

COLEGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

V658 Vieira, Rodrigo Magalhães
Caderno de possibilidades : pelo ensino de uma história outra /
Rodrigo Magalhães Vieira, Fabiano Lange Salles. – 1. ed. – Rio de
Janeiro : Imperial Editora, 2025.

74 p.

Bibliografia: p. 73-74.

ISBN: 978-65-5930-256-7.

1. Educação física - Estudo e ensino. 2. Folclore. 3. Cultura popular.
4. Currículo cultural. 5. Pluralismo cultural. 6. Formação docente. I.
Salles, Fabiano Lange. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 613

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

RESUMO

Este Produto Educacional propõe uma curadoria digital de recursos didáticos na plataforma Padlet intitulada CURADORIA DE RECURSOS DIDÁTICOS: FOLCLORE EM MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA, voltada à formação continuada de professoras e professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Inspirada pela perspectiva do Currículo Cultural e fundamentada em autores como Stuart Hall, Néstor García Canclini e Marcos Garcia Neira, a proposta se estrutura como uma plataforma colaborativa que tensiona os usos escolares do tema Folclore, frequentemente reduzido a visões estereotipadas, desvinculadas de sua potência política, pedagógica e cultural. O Padlet elaborado funciona como um terreiro virtual: abriga danças, brincadeiras, músicas, relatos, reflexões e possibilidades de planejamento que dialogam com os territórios, as infâncias e os contextos dos sujeitos escolares. O objetivo é ampliar o repertório docente e provocar uma escuta sensível às culturas populares como práticas vivas, plurais e insurgentes. Aqui, cada gesto é ensaio, cada roda é partilha, e cada aula pode ser também um ato de resistência que se faz com o corpo inteiro.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Folclore; Currículo Cultural; Diversidade Cultural; Formação Docente; Cultura Popular.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	8
1. INTRODUÇÃO	12
2. DANÇAS FOLCLÓRICAS - Passos que Contam Histórias	14
3.1 FREVO	14
3.2 COCO	15
3.3 JONGO.....	17
3.4 FOLIA DE REIS	19
3.5 CIRANDA DE TARITUBA – PARATY RJ.....	21
3.6 CACURIÁ - MA.....	22
3.6 BOI PINTADINHO E MINEIRO-PAU DE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA (RJ)	24
4. BRINCADEIRAS E JOGOS POPULARES	26
4.1 BRINCADEIRAS DE RODA	27
4.2 BRINCADEIRAS DE PERSEGUIÇÃO E DESAFIO CORPORAL	28
4.3 Brincadeiras com Bola — Altinha Como Exemplo Atual.....	29
4.4 Danças de TikTok: o corpo brinca, dança e comunica.....	31
4.5 Brincadeiras Indígenas – Saberes ancestrais em movimento.....	32
4.6 Brincadeiras Africanas – Saberes ancestrais em movimento	34
4.7 Brincadeiras Tradicionais: o tempo das mãos, das ruas e da imaginação.....	36
4.7.1 Jogos de Mãos (palmas e desafios manuais).....	37
4.7.2 Amarelinha.....	38
4.7.3 Elástico (Pular Elástico).....	39

4.7.4 Pião.....	40
4.7.5 Bola de Gude	41
4.7.6 Pipa.....	42
5. MÚSICAS - VIBRAM TAMBORES, SOPRAM SABERES	43
5.1 CACURIÁ	45
5.2 APOSTILA DE FOLCLORE (CIA FOLCLÓRICA DO RIO - UFRJ).....	47
5.3 CIRANDAS DE TARITUBA – PARATY (RJ).....	48
5.4 JONGO.....	49
5.5 COCO	50
5.6 FREVO	51
5.8 FOLIA DE REIS.....	53
6.1 TECENDO SABERES, BORDANDO IDENTIDADES.....	55
6.2 ENTRE MISTURAS E FRONTEIRAS: OS MAPAS HÍBRIDOS DE CANCLINI	56
6.3 CURRÍCULO CULTURAL: O RITMO QUE MOVE ESTA PESQUISA	57
6.4 FOLCLORE	58
6.5 CURRÍCULO	59
7. TROCA DE EXPERIÊNCIAS	60
7.1 Experiências: Folclore que se vive.....	60
7.2 Quando o Currículo é Encontro (e Enfrentamento).....	61
8. REFLEXÕES E POSSIBILIDADES PARA PLANEJAMENTO	62
8.1 Quando o Frevo se Aproxima: ludicidade, território e hibridismo em aula	62
8.2 Dançar como o mar: a ciranda que mora perto e a gente nem sabia.....	63

8.3 Brincar de lembrar: a cultura que mora em nós	65
8.4 Conflitos, Confrontos e Possibilidades - Práticas que não silenciam o que precisa ser dito	66
8.5 Quando a aula é também ato de coragem: práticas pedagógicas para não silenciar.....	67
8.6 Referência não é Receita.....	69
8.7 Jongo — Ritmo, Ancestralidade e Palavra.....	69
9. CONTRIBUIÇÕES – VAMOS DANÇAR JUNTOS?	71
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
11. REFERÊNCIAS	73

1. APRESENTAÇÃO

Sou Rodrigo Magalhães Vieira — professor de Educação Física no município de Volta Redonda - RJ e São João de Meriti - RJ, Licenciado em Educação Física – UFRJ, Bacharel em Dança - UFRJ, Especialista em Educação Física Escolar – IFRJ, Bacharelado em Educação Física – IBMR, integrante da Cia Folclórica do Rio - UFRJ há 21 anos, pesquisador e brincante da cultura popular de corpo e alma. Caminho entre quadras escolares e rodas de jongo, de ciranda, de coco, entre salas de aula e palcos de tradição, onde aprendi que o saber não se limita ao discurso técnico: ele pulsa nos tambores, dança nos gestos e ecoa nas vozes daqueles que aprendem e ensinam com o corpo e a memória.

Este Produto Educacional nasce como parte de minha trajetória no Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica (MPPEB) do Colégio Pedro II. Trata-se de uma *curadoria digital de recursos didáticos*, intitulada **CURADORIA DE RECURSOS DIDÁTICOS – FOLCLORE EM MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA**, desenvolvida para apoiar professoras e professores dos anos iniciais na construção de práticas pedagógicas que incorporem o Folclore à Educação Física escolar de maneira crítica, contextualizada pautada no currículo cultural.

Este Produto Educacional encontra-se disponível digitalmente na plataforma Padlet, por meio do link: <https://padlet.com/drigoanca/curadoria-de-recursos-didaticos-folclore-em-movimento-na-edu-cw5y4g00nazswugi>. O espaço foi concebido como um ambiente interativo e afetivo, que se organiza por colunas temáticas, pensadas para acolher e inspirar a prática docente. Ao todo, são oito colunas que estruturam a curadoria: a primeira, Acolhimento e





Boas-vindas, apresenta o autor, a proposta e os caminhos do trabalho; a segunda, intitulada Danças Folclóricas – Passos que Contam Histórias, traz práticas, vídeos e relatos de mestres e pesquisadores de danças tradicionais brasileiras; na sequência, a coluna Brincadeiras e Jogos Populares traz reflexões de atividades que valorizam as brincadeiras tradicionais como parte da cultura que se transforma e se constrói no fazer e no aprender com o corpo e com as gerações. A quarta coluna, Músicas – Vibram Tambores, Sopram Saberes, reúne cantigas, ritmos e sons que atravessam e educam o sensível. A quinta coluna, Referências que nos movem, destaca os autores e textos que fundamentam criticamente a proposta, enquanto a sexta, Troca de Experiências, abre espaço para relatos, registros e vivências docentes. Já a sétima coluna, Reflexões e Possibilidades para Planejamento, propõe caminhos para a organização de aulas que dialoguem com o Folclore de forma não estereotipada, levando em conta a pluralidade e a diversidade cultural dos territórios escolares. Por fim, a oitava coluna, Contribuições – Vamos dançar juntos? convida à participação coletiva, incentivando professoras e professores a compartilharem sugestões, ideias e inspirações.



Longe de ser um manual ou um roteiro fechado, este material configura-se como um espaço formativo, interativo e colaborativo — um “barracão digital” onde danças, brincadeiras, cantigas, textos, possibilidades de aula e sugestões de atividades dialogam com os saberes do território, com a pluralidade cultural dos sujeitos escolares e com os princípios do Currículo Cultural. Aqui, o folclore não é tratado



como peça de museu ou enfeite de data comemorativa, mas como expressão viva, em constante reinvenção, que atravessa os corpos, os contextos e as histórias que habitam nossas escolas.

Ao percorrer este documento, você encontrará caminhos possíveis para planejar suas aulas, ampliar seu repertório, provocar reflexões e contribuir com outras experiências. Mais que um arquivo estático, esta curadoria é convite: a dançar com as palavras, a escutar com o corpo, a ensinar com afeto, a girar com os saberes que resistem e se transformam. Sinta-se acolhido(a): esta roda também é sua. Vamos juntos (re)encantar o folclore nas aulas de Educação Física?





1. INTRODUÇÃO

Discutir o folclore nas aulas de Educação Física, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, significa reconhecer que o currículo é um território onde se produzem e se disputam sentidos. Trata-se de compreender a escola como espaço de múltiplas vozes, onde a cultura corporal se manifesta de forma plural, em diálogo com as memórias coletivas, as práticas comunitárias e as identidades em movimento. Ao conceber “o currículo como campo político em que se constroem as identidades dos indivíduos, é fundamental que a variedade do patrimônio cultural corporal dos grupos que coabitam a sociedade seja problematizada no ambiente escolar” (SBORQUIA & NEIRA, 2008, p. 79). Essa problematização é necessária para superar abordagens superficiais, já que “mesmo quando o professor tenta romper com as ‘dancinhas’ de datas comemorativas para abordar as danças folclóricas, por exemplo, o processo educativo praticamente se isenta de qualquer reflexão mais profunda” (SBORQUIA & NEIRA, 2008, p. 81).

Nessa perspectiva, o Folclore é compreendido como prática viva, que se transforma e se recria a cada experiência. Como afirma Brandão, “aquilo que se reproduz entre os pescadores, índios e camponeses como saber, crença ou arte reproduz-se enquanto é vivo, dinâmico e significativo para a vida [...] enquanto resiste a desaparecer e, preservando uma mesma estrutura básica, a todo momento se modifica. O que significa que a todo momento se recria” (BRANDÃO, 1982, apud SBORQUIA & NEIRA, 2008, p. 86). Essa vitalidade se opõe a visões cristalizadas e reconhece que “as manifestações populares despontam como um elemento de resistência, uma vez que ao preservar as identidades locais com suas danças, costumes e valores, funcionam também como resistência à homogeneização” (SBORQUIA & NEIRA, 2008, p. 89).

A pedagogia pós-crítica e o Currículo Cultural oferecem um referencial que entende a cultura como campo de disputas e significações. “No campo teórico e político dos Estudos Culturais, a cultura é entendida como espaço de luta, ou seja, qualquer transmissão cultural é sempre travada, disputada, conquistada e transformada pelos grupos envolvidos” (SBORQUIA & NEIRA, 2008, p. 82). Isso implica reconhecer que “o currículo é um espaço-tempo de fronteiras culturais, em que sujeitos diferentes interagem

[...] é um complexo de forças, que envolve diversos sujeitos e perspectivas em disputa” (NEIRA & NUNES, 2017, p. 31). Nesse cenário, o papel docente é “problematizar”, ou seja, “adotar uma atitude filosófica que vê como problema aquilo que em geral é aceito com naturalidade [...] abre-se espaço para que as representações atribuídas às práticas corporais sejam desconstruídas” (NEIRA & NUNES, 2017, p. 36).

Essa concepção de currículo se articula à noção de identidade como construção histórica, múltipla e em transformação. Stuart Hall explica que

o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação as formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (HALL, 2006, p. 12-13)

Essa compreensão reforça a importância de práticas pedagógicas que acolham “a diferença” como potência, pois “a diferença impede a fixação da verdade, do conhecimento, da identidade das coisas” (NEIRA & NUNES, 2017, p. 29).

Ao dialogar com as reflexões de Néstor García Canclini, percebemos que o Folclore e as culturas populares não pertencem a um passado estático. Ao contrário, “nunca houve tanto artesãos, nem músicos populares, nem semelhante difusão do folclore, porque seus produtos mantêm funções tradicionais [...] e desenvolvem outras modernas” (CANCLINI, 2008, p. 22). É nessa tensão entre tradição e contemporaneidade que se constrói a proposta deste Produto Educacional: promover experiências que favoreçam a “ressignificação”, entendida como “atribuir novos significados a um artefato produzido em outro contexto com base na própria experiência cultural” (NEIRA & NUNES, 2017, p. 40).

Assim, este trabalho busca oferecer aos professores e professoras um conjunto de recursos e provocações que, ancorados no Currículo Cultural e nas perspectivas pós-críticas, ampliem o repertório pedagógico e incentivem a produção de sentidos nas aulas de Educação Física, reconhecendo a escola como espaço de memória, criação e resistência cultural.

2. DANÇAS FOLCLÓRICAS - Passos que Contam Histórias

Esta espaço é um convite a sentir, conhecer e recriar as danças populares brasileiras com olhar atento, corpo presente e escuta sensível. Cada dança aqui apresentada é mais do que coreografia — é memória em movimento, é cultura que pulsa nos territórios e nos gestos de quem dança e resiste. Seguindo os caminhos do currículo cultural, buscamos reconhecer a origem, a história e as transformações de cada manifestação, compreendendo-as em sua potência pedagógica e cultural.

Explore os passos, comente, compartilhe vivências e materiais. Que este espaço seja roda, terreiro e sala de aula ao mesmo tempo — onde cada professor(a) possa dançar com sentido, ensinar com afeto e aprender com o outro. Vamos girar essa ciranda?



3.1 FREVO

O Frevo é dança, música e resistência que brotou nas ruas de Recife e Olinda. Seu ritmo acelerado, acompanhado por orquestras de metais e tambores, convida o corpo ao improviso, à ginga e à energia coletiva. Com o passar dos tempos, desenvolveu-se como manifestação coreográfica urbana e popular, nascida dos desfiles carnavalescos e dos confrontos simbólicos entre agremiações.

Mais do que uma sequência de passos difíceis, o Frevo é expressão de identidade, festa e luta — tombado como

Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil em 2007. Seus passistas, com sombrinhas coloridas nas mãos, fazem do chão palco e resistência. Pode parecer desafiador, mas há frevo possível para todos os corpos: adaptado, recriado, brincado.



COCO DE RODA

DANÇAS REGIONAIS



3.2 COCO

O Coco é canto que gira em roda, é batida no chão, é voz e resistência. Nascido dos engenhos, entre noites e terreiros, ele ecoa a herança dos corpos negros que dançavam para viver e lembrar. De Arcoverde às praias da Mata Norte, o Coco se desdobra em trupé, ciranda, umbigada — e segue vivo no compasso dos tamancos, dos ganzás e da força coletiva.

Mais do que espetáculo, é brincadeira que ensina com o corpo inteiro. É chão de escola, terreiro de cultura e ponte entre gerações. Ensinar o Coco é resgatar uma memória que ainda pulsa nos pés, nas mãos e nas vozes de quem não deixou a roda parar.



Coco: roda que canta, corpo que resiste

Este vídeo é mais que uma apresentação. É memória pulsante. O Coco nasce da terra pisada com força e fé. É dança e canto que brotam das raízes indígenas e africanas, das noites nos engenhos, dos terreiros e sambadas que resistem ao tempo e à exclusão. Cada batida no chão ecoa histórias de luta e de pertencimento, de povos que transformaram a dor em dança e o silêncio imposto em verso improvisado.

Aqui, o Coco não é folclore enfeitado — é cultura viva e sagrada. Ele carrega em seu ritmo a espiritualidade dos terreiros, o corpo coletivo das comunidades e a resistência à intolerância religiosa e ao apagamento das tradições.

Ao assistir, escute com o corpo inteiro. Cada passo é um grito de liberdade. Cada canto é uma herança que se recusa a morrer. Coco é território. É rito. É movimento ancestral em presente contínuo.





3.3 JONGO

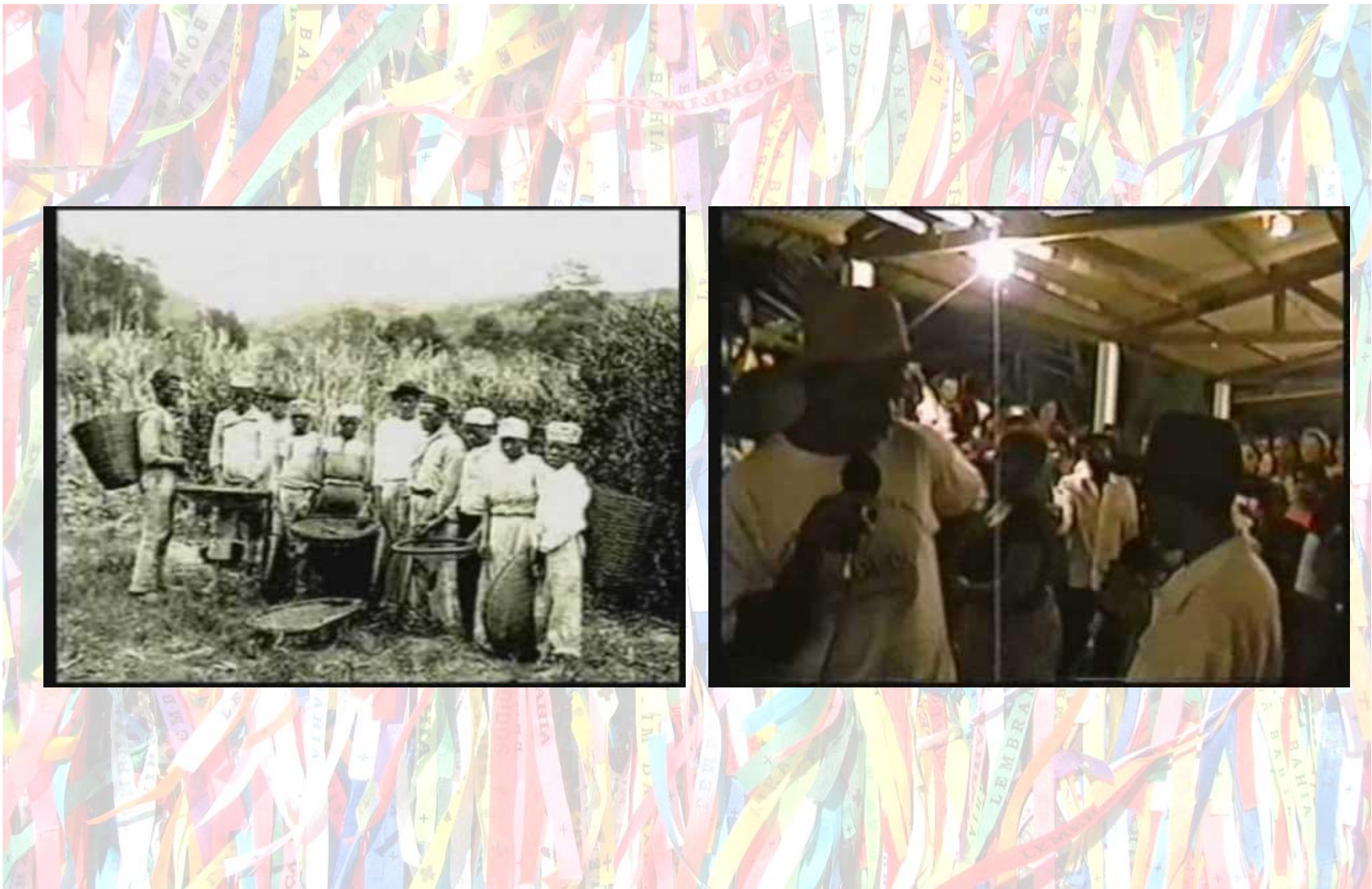
O Jongo é uma expressão afro-brasileira cheia de força, poesia e ancestralidade. Tocado em rodas, com cantos e tambores sagrados, mistura dança, música e sabedoria. Surgiu entre os negros escravizados no sudeste do Brasil, principalmente no Vale do Paraíba, como forma de comunicação, celebração e resistência.

É praticado em quintais, comunidades, festas de santos e datas simbólicas como o 13 de maio. Seus versos são chamados de pontos, e carregam histórias, críticas, desafios e louvores aos ancestrais. Os dançarinos se revezam na roda e muitas vezes usam a umbigada como convite à dança. Mais do que uma dança, o Jongo é memória viva, espiritualidade e afirmação da identidade negra. Seus tambores, como o caxambu e o candongueiro, são respeitados como portais de conexão com os que vieram antes. Ensinar Jongo na escola é semear respeito, cultura e história.



Ponto: "Saravá Jongueiro Velho, que veio pra ensinar. Que Deus dê a proteção a jongueiro novo, pro Jongo não se acabar."







3.4 FOLIA DE REIS

A Folia de Reis é fé em movimento, música peregrina e devoção que atravessa gerações. Chegou ao Brasil com a colonização portuguesa e aqui se enraizou com força especial no Sudeste. Celebra o nascimento de Jesus e representa a caminhada dos Três Reis Magos até o Menino — não como teatro, mas como prática viva de religiosidade popular. Entre 25 de dezembro e 6 de janeiro, grupos de foliões percorrem casas e comunidades levando cantos, orações e bênçãos, guiados pela bandeira sagrada com a imagem da Sagrada Família. A cada visita, a fé se renova, o canto ecoa, e o gesto coletivo de gratidão se torna festa.

Com hierarquia definida e muitas vezes motivada por promessas, a folia é guiada por um mestre-folião e protegida por figuras simbólicas como os Palhaços, que representam os soldados de Herodes — mas, aqui, são brincantes coloridos que dançam, correm e encantam com suas máscaras. Mais do que celebração, a Folia de Reis é um conjunto de saberes transmitidos pela oralidade, guardando na memória dos participantes seus ritos, cantos e sentidos. É cultura popular que canta a fé, partilha o alimento, dança a história e mantém viva a tradição.





3.5 CIRANDA DE TARITUBA – PARATY RJ

A Ciranda de Tarituba é dança de roda e raiz. Gira com o corpo e com o tempo, entrelaçando memórias caiçaras com passos herdados de indígenas, portugueses e africanos. Nasceu da vila de pescadores no norte de Paraty e, desde os anos 1930, mantém viva a tradição dos bailes populares que celebram a vida, a fé e a coletividade.

Cada sapateado, cada canto entoado pelo grupo de danças folclóricas de Tarituba carrega o legado de Mestre Chiquinho e das famílias que guardam esse saber com o coração e os pés firmes no chão. A Ciranda não é apenas dança: é patrimônio imaterial vivo, que ensina com música, gira com história e pulsa com identidade.

Mesmo diante das perdas e dificuldades, a ciranda não parou. Transformou-se em escola, em ponto de cultura, em resistência que gira de mãos dadas com o futuro. Dançar Ciranda é aprender com o corpo, com a roda, com a comunidade.



3.6 CACURIÁ - MA

O Cacuriá é dança que gira com o corpo e sorri com a alma. Nascido no Maranhão, no embalo das Caixeiras e dos festejos do Divino Espírito Santo, ele mistura fé e brincadeira, tradição e sensualidade, coro e tambor. Seus versos de duplo sentido e sua energia provocante ecoam a alegria do povo maranhense e a força de suas crenças. Inspirado no Carimbó de Caixas, o Cacuriá ganhou expressão com Dona Teté, artista irreverente que transformou rebolado em resistência e o palco em roda popular. Hoje, a dança segue viva em grupos que mantêm a essência construída entre ladainhas, flores nos cabelos e corpos que se comunicam com o olhar, o riso e o improviso. Dançado em pares dentro de um “cordão”, o Cacuriá mistura marcha, samba e valsa, ao som das Caixas do Divino, com coro, instrumentos e toadas cheias de metáforas, natureza, amor e cotidiano. É dança que fala com o corpo — e convida a comunidade a se ver e se reconhecer.





Quem foi Dona Teté?

Dona Teté, nascida Almerice da Silva, foi muito mais que uma artista maranhense: foi alma, voz e corpo do Cacuriá. Mulher irreverente, carismática e versátil, encantava com seu canto, seu rebolado e sua alegria contagiante. Foi ela quem levou o Cacuriá das rodas populares às ruas, aos palcos e aos corações do povo. Embora o Cacuriá tenha sido criado nos anos 1970 por Seu Lauro, foi Dona Teté quem o transformou em símbolo cultural do Maranhão, criando em 1986 o famoso Cacuriá de Dona Teté, a partir de sua participação no grupo Laborarte. A força da sua presença e sua autenticidade fizeram dela referência e inspiração para diversos outros grupos que surgiram depois.

Cantora, percussionista e brincante, Dona Teté resgatou a energia do Carimbó das Caixeiros e deu nova vida à parte profana das festas do Divino, com toadas de duplo sentido e coreografias sensuais. Sua dança era poesia do corpo, sua voz era canto de raiz. Após seu falecimento em 2011, seu legado permanece vivo, sustentado por discípulas como Rosa Reis e tantos brincantes que seguem girando o Cacuriá com respeito, alegria e memória. Dona Teté é presença que virou saudade, mas também roda que não para.

3.6 BOI PINTADINHO E MINEIRO-PAU DE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA (RJ)

Norte e Noroeste fluminense, o chão vibra com a batida firme dos bastões e o riso solto do povo. O Boi Pintadinho e o Mineiro-Pau são manifestações que misturam dança, brincadeira, desafio e celebração — heranças de um Brasil que pulsa entre o sagrado e o profano, o riso e a

abre caminho nas festas e personagens gigantes: o Boi, Jaguará e outros seres assustam e encantam. Os metros de altura, giram, gargalhadas, conectando universo lúdico da tradição

Ao som da sanfona, femininas, os homens dançam Pau, marcando o compasso se chocam com precisão e cada coreografia é encontro, que se vê em Santo Antônio



resistência. O Boi Pintadinho carnavais com seus a Mulinha, a Maricota, o fantásticos que brincam, bonecões, com até dois correm e provocam crianças, adultos e idosos ao popular.

bumbo, triângulo e vozes em pares soltos no Mineiro-com bastões de madeira que energia. Cada batida é ritmo, cada giro é memória viva. O

de Pádua é cultura passada

de geração em geração, com famílias inteiras envolvidas — como a de Mestre Nico, que mantém viva a arte herdada dos antepassados afro-indígenas e imigrantes. A dança não tem enredo fixo, mas conta histórias com o corpo e a brincadeira.



Mestre Nico — Guardião dos Bastões e da Liberdade

Mestre Nico é mais que um brincante: é guardião de memórias e condutor de histórias. Em Santo Antônio de Pádua, no Noroeste do Rio de Janeiro, ele criou a Escola de Boi Pintadinho e Mineiro-Pau, onde dança, música e saber ancestral se entrelaçam com inclusão social e cidadania. Filho e neto de mestres da cultura popular, aprendeu desde cedo a força dos cortejos, o compasso dos bastões e o riso dos bonecos gigantes. Em oficinas e apresentações, ele compartilha com crianças, jovens e adultos a beleza e o valor dessas tradições, mantendo-as vivas no corpo de quem dança e no olhar de quem aprende. “Gosto dos cortejos e das rodas de jongo porque me fazem lembrar meus ancestrais. Eu me sinto como um negro fujão que conseguiu ficar livre”, diz ele — revelando que sua arte é também forma de resistência, de libertação e de orgulho negro. Com bastões nas mãos e memória nos passos, Mestre Nico transforma cada batida em ensinamento, cada roda em reencontro com as raízes.

4. BRINCADEIRAS E JOGOS POPULARES

Brincadeiras e Jogos Populares — Cultura que se move no corpo e no tempo

Nesta coluna, abrimos espaço para o que nunca deixou de ser movimento: a brincadeira. Mas não qualquer brincadeira — e sim aquela que pulsa nos quintais, nas ruas, nas rodas e nas memórias. Aquela que transforma o corpo em linguagem, a regra em ritual, o gesto em vínculo. Aqui, brincadeiras e jogos são reconhecidos como parte essencial do folclore vivo, diverso e plural.

É comum percebermos práticas que reduzem o folclore a lendas ou figuras míticas. Mas dentro da perspectiva que assumimos nesta formação, o folclore é conjunto de saberes e fazeres compartilhados, experiências coletivas que constroem identidade **cultural**, inclusive por meio do brincar. Cada jogo, cada roda, cada desafio corporal carrega marcas do tempo, das pessoas, das histórias. No entanto, é preciso cuidado: nem toda brincadeira da infância do professor fará sentido para os alunos de hoje. O tempo passa, os contextos mudam, e com eles, as formas de brincar também se transformam. Por isso, nesta coluna, valorizamos tanto as brincadeiras tradicionais quanto aquelas que foram adaptadas, recriadas ou que surgiram nas ruas, nas periferias, nas praças, nos becos e vielas vivos das cidades.

Nosso convite é para que você, professor(a), olhe para o brincar como um gesto político-pedagógico de reconhecimento e escuta cultural. Que investigue com seus alunos o que se brinca no bairro, o que se compartilha entre irmãos, primos, vizinhos, o que os responsáveis brincavam. Que descubra o que foi esquecido e o que está nascendo. E que, a partir dessa escuta, planeje experiências significativas, que celebrem a cultura e dialoguem com a pluralidade. Folclore não é o passado engessado — é o presente em movimento. E brincar é uma das formas mais potentes de ensinar e aprender sobre quem somos, de onde viemos e com quem queremos caminhar. Explore, comente, compartilhe! Este espaço é roda aberta de saberes brincantes.

4.1 BRINCADEIRAS DE RODA

As brincadeiras de roda são mais do que passatempo: são memória cantada, corpo em coletivo e cultura que gira. De mãos dadas, crianças se olham, se escutam, se respeitam — em um ritual de encontro que atravessa gerações.

São brincadeiras marcadas por cantigas, gestos e repetição rítmica, que possibilitam aos alunos experimentarem musicalidade, oralidade, coordenação motora e laços afetivos. Mas é importante lembrar: nem toda roda é do tempo da infância do professor — e tudo bem! Algumas cantigas resistem ao tempo, outras renascem em novas formas, outras são esquecidas e precisam ser redescobertas. O importante é abrir espaço para que a roda também possa incluir as vozes dos alunos, suas versões, suas adaptações e suas criações.

Exemplos: Ciranda-cirandinha, Escravos de Jó, Se esta rua fosse minha, Alecrim dourado, Fui no Iitoró, Corre cutia...

Sugestão pedagógica:

- Proponha uma roda onde as crianças compartilhem cantigas que conhecem ou aprendem com a família.
- Estimule variações da brincadeira, com novos versos, novos comandos, novos movimentos ou instrumentos de percussão corporal.
- Valorize a escuta e o improviso, respeitando os diferentes repertórios culturais que surgirem.

Contribua aqui com brincadeiras de roda da sua comunidade, experiências vividas ou sugestões de adaptação.



4.2 BRINCADEIRAS DE PERSEGUIÇÃO E DESAFIO CORPORAL

Correr, escapar, tocar, driblar. As brincadeiras de perseguição movimentam o corpo e a imaginação. São jogos de ação direta, onde os alunos exploram o espaço, desenvolvem estratégias, reagem com agilidade e aprendem sobre limites, regras e cooperação. Também chamadas de “brincadeiras de pique-pega”, “salve-salve” ou “de fugir”, fazem parte da infância de muitas gerações — mas sempre podem ser reinventadas. Essas brincadeiras são mais do que descarga de energia: são territórios de escuta corporal e afetiva, onde o brincar organiza sentidos, desafia o corpo e fortalece o coletivo. Elas se adaptam com o tempo, com os espaços disponíveis e com a criatividade de quem joga. Muitas surgem espontaneamente nos intervalos e pátios escolares, e merecem ser acolhidas no planejamento pedagógico com intencionalidade.

Exemplos: Pique-pega, Pique-esconde, Pique gelo, Pique rabo, Pique bandeira, Pique estátua, Caçador e presa, Vivo ou morto, desafios de corrida com um pé só, de lado, em dupla, trios...

Sugestão pedagógica:

- Observe e escute as brincadeiras que já circulam entre os alunos.
- Proponha variações criativas e contextuais (ex: com obstáculos, em dupla, com desafios de equilíbrio, mudando regras e adaptando).
- Estimule o trabalho com valores: empatia, cuidado com o outro, reconhecimento da diversidade corporal, não dando ênfase a quem ganhou ou perdeu.

Currículo cultural em movimento:

Essas brincadeiras permitem refletir sobre espaços de socialização e construção de identidades. A forma como os alunos brincam revela práticas, regras, conflitos e afetos de seu cotidiano. Resgatar ou reinventar essas brincadeiras é valorizar o que já pulsa nos corpos e nos recreios — e isso também é Folclore.





4.3 Brincadeiras com Bola — Altinha Como Exemplo Atual

Altinha é um jogo corporal que vem se popularizando nos recreios nas escolas, especialmente entre os jovens. Consiste em manter a bola no ar com toques leves, sem deixá-la cair, exercitando controle, cooperação e criatividade coletiva. Essa brincadeira contemporânea dialoga com o folclore no sentido mais vivo da palavra: corpos que inventam, compartilham, contam histórias com gestos simples que se reinventam todo dia. No recreio, a altinha nasce da comunicação não verbal, do ritmo intuitivo entre pares e grupos — uma dança sem passos fixos, um poema coletivo feito com bola. Por que valorizar essas brincadeiras com bola no currículo cultural?

- Porque elas conectam prática motora e sensibilidade social, respeitando o tempo, o espaço e as vozes dos alunos.
- Porque partem das adaptações espontâneas dos estudantes e trazem a cultura corporal do recreio para dentro da aula.
- Porque são linguagem simbólica do hoje, do cotidiano, e ampliam o repertório dos professores.

Exemplos de brincadeiras com bola:

- Altinha (jogo coletivo de sustentar a bola sutilmente).
- Queimada, golzinho, taco, bobinho, vôlei improvisado, pique-bola, tênis de tampinha.

Sugestão pedagógica:

- Comece observando como os alunos já jogam altinha no recreio.
- Proponha variações: jogo em dupla ou trios, sequência de toques, limites de tempo ou espaço.
- Trabalhe adaptando, usando materiais simples como bolas de meia, balões ou sacolas leves.

Currículo cultural em movimento:

Altinha não é esporte formal, é cultura popular em ação. É corpo que se percebe, se comunica e se apropria de regras inventadas. Inserir essas práticas na Educação Física valoriza a cultura corporal dos estudantes e desafia os modelos escolares a ouvir e agir com o saber presente no recreio. Contudo, se existe a altinha no recreio escolar atual, por que não utilizar nas aulas? Sendo assim, reforça que o folclore não fica no passado — pulsa nos toques, nos ritmos e na criatividade dos alunos.



Conheça a altinha, esporte que nasceu nas praias cariocas e conquistou o asfalto. E invadem os pátios escolares.

4.4 Danças de TikTok: o corpo brinca, dança e comunica

Nos pátios, corredores e salas de aula, os gestos ganham ritmo e os corpos falam com o mundo. As chamadas “dancinhas de TikTok” não são apenas tendências midiáticas passageiras, mas sim brincadeiras corporais da contemporaneidade, formas legítimas de expressão cultural dos alunos. Ao repetir coreografias virais, os estudantes brincam, se conectam, imitam, reinventam. Estão ali construindo pertencimentos, reafirmando identidades e compartilhando narrativas — tudo isso com o corpo em movimento.

Por que considerar isso no currículo? Porque essas danças são parte da cultura viva dos recreios escolares, e não reconhecer sua presença é ignorar o que pulsa nos cotidianos juvenis. Com mediação crítica e sensível, é possível transformar essas práticas em espaços de reflexão, criação e aprendizagem. As danças de TikTok são brincadeiras coreografadas que misturam humor, música, performance e tecnologia. Representam uma nova forma de circular cultura: digital, global, mas apropriada localmente por cada grupo com seu estilo, sua intenção e sua voz.

Caminhos pedagógicos possíveis:

- Convide os alunos a compartilhar e explicar coreografias que conhecem;
- Incentive a criação de danças autorais sobre temas do currículo;
- Debata criticamente os conteúdos, estéticas, mensagens e influências midiáticas;
- Amplie os horizontes: que tal misturar uma cantiga tradicional com um movimento contemporâneo?

Currículo cultural em ação:

Ao incluir essas expressões no contexto escolar, valorizamos os saberes juvenis, acolhemos a diversidade de corpos e histórias, e estimulamos a criatividade como linguagem pedagógica. O que acontece “no recreio” pode, e deve, dialogar com o que acontece “na aula”.





4.5 Brincadeiras Indígenas – Saberes ancestrais em movimento

As brincadeiras dos povos indígenas são expressões vivas de suas cosmologias, ritmos e modos de existir. Elas misturam o gesto e o mito, a estratégia e o coletivo, o corpo e a terra. Não se reduzem a “curiosidades” folclóricas distantes, mas seguem pulsando em comunidades originárias por todo o Brasil — e podem dialogar com o espaço escolar com respeito e escuta. Trazer essas brincadeiras para a escola é reconhecer o Brasil indígena que nos habita. É descolonizar o olhar e compreender que o folclore também é resistência, memória e afirmação de identidades. É

romper com a visão romantizada e exótica dos povos indígenas e compreendê-los como sujeitos contemporâneos, com culturas ativas, diversas e em constante transformação.

Exemplos de brincadeiras indígenas:

- Jogo da peteca – comum a vários povos, promove agilidade e coordenação.
- Corrida do tronco – tradicional entre os Karajá e outros povos, exige força e cooperação.
- Arco e flecha de mira – habilidade e precisão em forma de jogo.
- Cabra-cega indígena, dança da onça, jogos de imitação de animais, caça simbólica...

Como trabalhar na escola:

- Apresente as brincadeiras com sua história e significado, respeitando a origem.
- Use vídeos e materiais feitos por indígenas sempre que possível.
- Relacione com conteúdos de ciências, história, artes e educação física.
- Estimule o diálogo: o que essas brincadeiras nos ensinam sobre o corpo, o tempo, a coletividade?

Currículo cultural enraizado:

Brincar como os povos originários é uma forma de enraizar o currículo na terra. De ouvir outras epistemologias do corpo e da natureza. É afirmar que o folclore é múltiplo, vivo, ancestral e atual — e que as escolas têm muito a aprender com a sabedoria dos primeiros habitantes desta terra.

A diversidade no fazer da peteca.

Território do Brincar | Série de MiniDocs | Brincadeiras com petecas nas diversas regiões do Brasil – Canal Território do Brincar

4.6 Brincadeiras Africanas – Saberes ancestrais em movimento

Nos corpos que brincam, correm e cantam, ecoam vozes que atravessaram oceanos. As brincadeiras africanas, ou de matriz africana, são heranças de povos que resistiram à diáspora e semearam no Brasil gestos de luta, celebração, astúcia e coletividade. Mais que movimentos lúdicos, são práticas culturais que expressam resistência, formas de aprender, ritmar a vida e construir vínculos. Ao integrar essas brincadeiras ao cotidiano escolar, a Educação Física se abre ao diálogo com a ancestralidade negra, valorizando a cultura afro-brasileira como parte essencial da nossa identidade. Brincar é também resistir. É afirmar que as culturas africanas não estão apenas no passado — elas seguem vivas nas rodas de capoeira, nas cantigas de roda, nas gírias das ruas, nos batuques dos recreios.

Exemplos de brincadeiras africanas ou de inspiração afro-brasileira:

- Amarelinha africana que tem sua origem em Moçambique, sendo uma variação da tradicional amarelinha, sem caráter competitivo — o foco está no ritmo, na música e no movimento coletivo. As crianças pulam em sequência ao som de cantos ou batidas, cultivando coordenação e alegria sem vencedores ou perdedores.



- Mancala com origem na África Ocidental (Yorubás, Maasai), um jogo de Tabuleiro com casas e sementes ou pedrinhas, jogado em pares. Exige estratégia, planejamento e paciência. Junto ao Brasil, inspirou o jogo da pamonha ou buzios em festas tradicionais. No currículo, conecta matemática, lógica e cultura ancestral.
- Terra e mar tem sua origem em Moçambique e Egito, brincadeira simples e contundente: um lado do risco no chão é “Terra”, o outro, “Mar”. Ao comando “Mar!” as crianças pulam para frente; ao comando “Terra!”, recuam. Bem semelhante a brincadeira do morto-vivo na qual essas brincadeiras destacam a atenção.

- Matacuzana ou Matakuza é uma brincadeira bastante popular em Moçambique, que chegou ao Brasil trazida pelos povos escravizados e inspirou jogos como o “Três Marias”. A dinâmica é simples: cada participante possui uma pedrinha e, no centro, há um buraco preenchido com outras pedrinhas. O jogador lança sua pedrinha para cima, retira uma do buraco antes que a sua caia, e ainda tenta segurá-la ao coletar outra — tudo isso em sequência, exigindo precisão, agilidade e concentração. No Brasil, esta dinâmica se transformou no conhecido jogo das três-marias ou jogo das pedrinhas, que guarda a estrutura básica da Matacuzana mas adaptada ao contexto escolar e familiar.

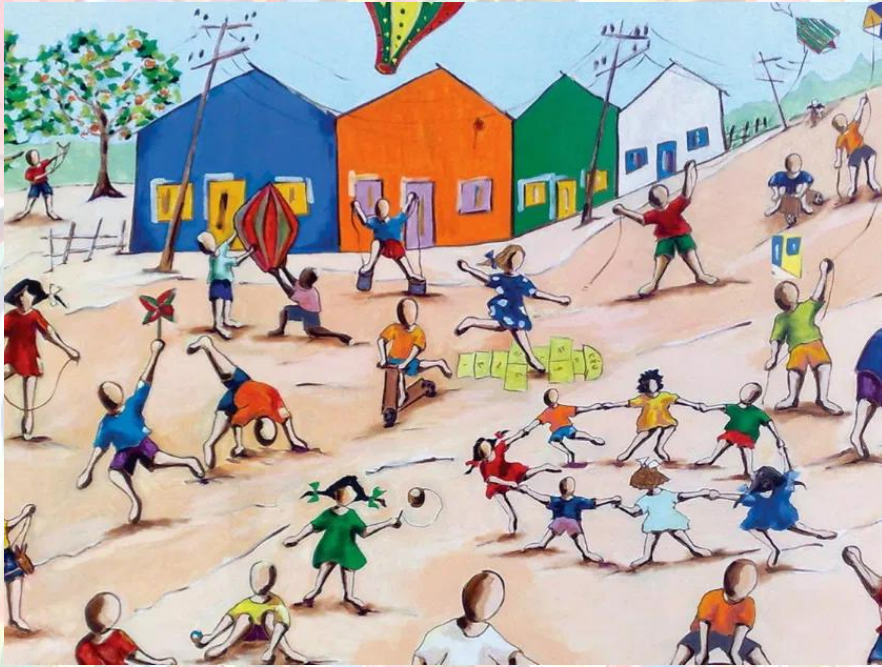


Possibilidades pedagógicas:

- Apresente cada jogo com sua história e origem cultural, dialogando com conteúdo de geografia, história e matemática.
- Incentive os alunos a montarem versões artesanais com materiais simples como tampinhas de garrafas, pedrinhas, palitos e giz.
- Promova torneios amistosos ou atividades em dupla, reforçando cooperação, respeito e ludicidade.
- Relacione com os saberes locais: por exemplo, se há alguma versão popular dessas brincadeiras na comunidade ou nas famílias dos alunos.

Currículo cultural em ação

Essas brincadeiras oferecem mais que movimento — é reparar silêncios históricos e construir um ensino que reconhece as potências dos corpos negros, pois oferecem pensamento, ancestralidade e diálogo entre saberes. Ao integrá-las no cotidiano escolar, reconhecemos o valor da cultura africana como parte viva da identidade brasileira e fortalecemos um ensino que respeita diversidade, pensamento estratégico e criatividade coletiva. É educar para o respeito à diferença, valorizando a pluralidade cultural que forma nossas escolas, ruas e territórios.



4.7 Brincadeiras Tradicionais: o tempo das mãos, das ruas e da imaginação

Nem tudo que é antigo perde valor. Pelo contrário: as brincadeiras tradicionais nos ensinam que há saberes que resistem ao tempo, porque foram tecidos com imaginação, coletividade e corpo em movimento. Bola de gude, elástico, corda, amarelinha, pião, pipa, corrida de tampinha e jogos de mãos habitam a memória afetiva de muitas infâncias, mas ainda vibram nos recreios, nas calçadas, nas praças e nos cantos de chão batido das escolas. Essa categoria valoriza essas práticas lúdicas como parte viva do folclore — não um folclore engessado no passado, mas aquele que pulsa nas experiências cotidianas dos sujeitos. São brincadeiras que envolvem ritmo, estratégia, coordenação, cooperação e criatividade.

Algumas exigem materiais simples; outras, apenas mãos e vontade de brincar.

Por que propor essas brincadeiras? Porque elas promovem relações, desenvolvem habilidades motoras, estimulam a imaginação e convidam à convivência com as diferenças. E, sobretudo, porque são memórias culturais compartilhadas, que nos ajudam a compreender que o brincar também é um ato de resistência e preservação da cultura popular.

4.7.1 Jogos de Mãos (palmas e desafios manuais)

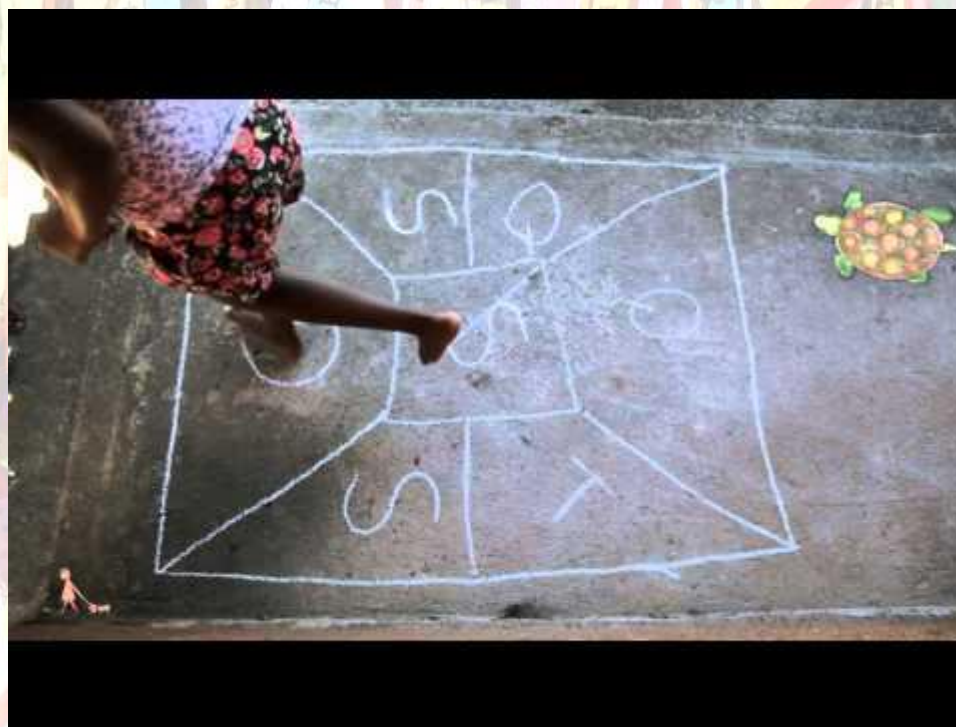
Brincadeiras executadas em duplas ou grupos, geralmente com cantigas ou rimas: como “Escravos de Jó”. Requer memorização, reação e leitura corporal — fortalece a oralidade e a cooperação em meio lúdico.



Território do Brincar | Série MiniDocs | Brincadeiras de palmas nas diversas regiões do Brasil - Canal Território do Brincar

4.7.2 Amarelinha

Desenhada no chão com giz ou tinta, é composta por casas numeradas até o céu. O participante salta com um único pé, deposita uma pedrinha e retorna pegando-a sem errar. Origem atribuída aos romanos, o jogo simboliza caminhos da vida e foi depois incorporado como jogo popular na infância brasileira.



Território do Brincar | Série MiniDocs | Amarelinha - São Gonçalo do Rio das Pedras, MG - Canal Território do Brincar

4.7.3 Elástico (Pular Elástico)

Dois participantes esticam um elástico de aproximadamente 3 m nos tornozelos, enquanto outros pulam sequências de movimentos (fases), com o elástico subindo conforme o avanço: tornozelos, joelhos, cintura etc. Uma brincadeira dinâmica que desenvolve coordenação, lateralidade e ritmo corporal.



Território do Brincar | Série MiniDocs | Brincadeira de Elástico - Acupe, BA - Canal Território do Brincar

4.7.4 Pião

Brinquedo composto por corpo pontiagudo, girado com fio. O objetivo é manter o pião rodando o máximo de tempo possível. Desenvolve precisão, atenção e noções de física simples — além de ser presença nostálgica nos quintais e rodas de amigos.



Território do Brincar | Série MiniDocs | Pião de Biorra –
Abadia, MG - Canal Território do Brincar



Pião de tampinha de detergente – Taboão da Serra, São
Paulo - Canal Território do Brincar

4.7.5 Bola de Gude

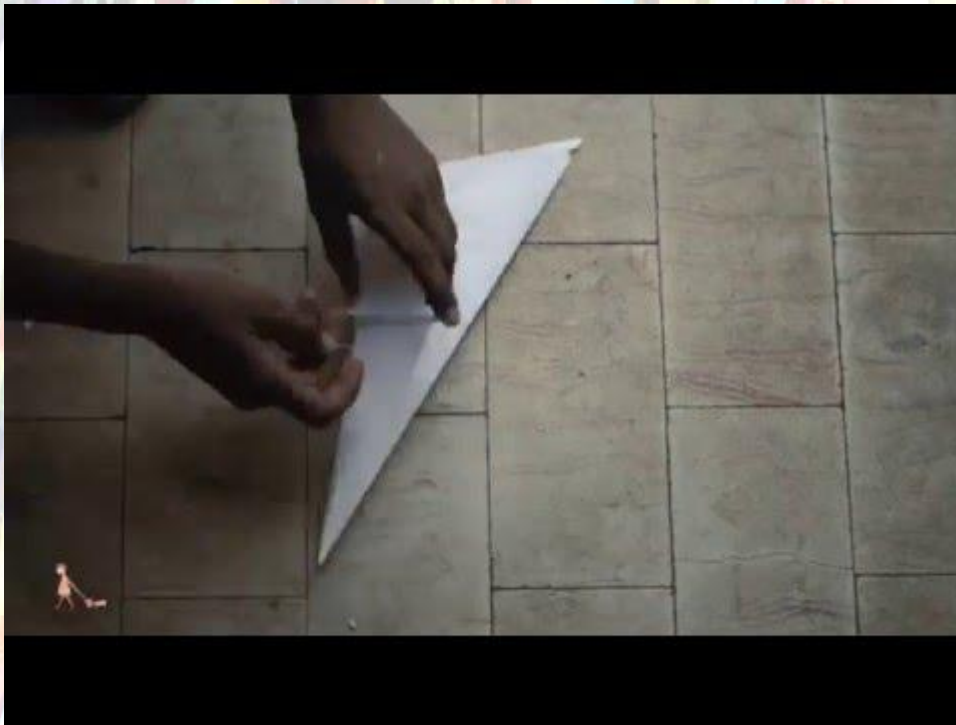
Pequenas esferas de vidro, pedra ou metal usadas em jogos como “mata-mata”, "búlica" e outras variações. O desafio é acertar as bolas de gudes dentro ou fora de um círculo traçado no chão. Requer mira, estratégia e paciência, promovendo habilidades motoras e percepção espacial. Essa prática atravessa gerações e continua presente em contextos comunitários e escolares.



Território do Brincar | Série de MiniDocs | Bolinha de gude – Bairro do Arraial - Araçuaí, MG - Canal Território do Brincar

4.7.6 Pipa

Com um carretel nas mãos e os olhos voltados para o céu, a criança aprende a escutar o sopro do ar, a controlar o movimento, a exercitar a paciência. É uma brincadeira tradicional em que se faz voar uma estrutura leve de papel ou plástico, presa por uma linha, guiada pelo vento. Mais que diversão, é cultura: cada pipa carrega cores, formas e jeitos que dizem muito sobre quem a fez e onde foi criada. No alto, ela dança — e a infância voa junto.



Território do Brincar | Série MiniDocs | Pipas Bicudas -
Acupe, BA – Canal Território do Brincar

EU AMO PIPA: Água Santa (Curta-metragem
documentário) Canal RP Pipas

5. MÚSICAS - VIBRAM TAMBORES, SOPRAM SABERES

Entre tambores e ladainhas, esse item pulsa. Aqui, o som é mais que melodia — é memória, é território, é resistência. Este espaço é um convite para adentrar o universo das manifestações populares pela escuta atenta, pelo canto que narra histórias, denuncia esquecimentos e celebra existências. Cada álbum, artista ou faixa aqui sugerido não é apenas uma trilha sonora: é um documento vivo, uma aula aberta, uma oportunidade de ampliar os sentidos do ensinar e do aprender.

Num currículo que se constrói com a cultura, e não apesar dela, a música se torna ponte. Ela traduz saberes que não cabem apenas nos livros, que ecoam dos corpos em roda, das festas da rua, das casas de rezas, dos quintais onde batuques e cânticos ensinam mais que fórmulas.

Que este item te inspire a pesquisar, experimentar e criar. Que o som das manifestações populares guie seus planejamentos, suas aulas, seus projetos. Que os ritmos da ciranda, do jongo, do cacuriá, do coco, da folia de reis, entre tantas outras vozes da diversidade brasileira, habitem os espaços escolares como parte viva do que somos. Porque educar também é afinar o ouvido com o coração do povo. E toda aula pode começar com uma canção.



CANTOS QUE ENSINAM, RITMOS QUE REVELAM

Nossa proposta aqui nesse item é facilitar o acesso a álbuns, faixas e artistas que dialogam com as manifestações trabalhadas no item 2 – Danças Folclóricas, oferecendo referências sonoras que favorecem a prática em sala de aula e despertam nos estudantes o interesse por suas raízes, por outras sonoridades e por novas possibilidades de expressão. Para isso, indicamos que as buscas sejam feitas nas plataformas de streaming como Spotify, Deezer, Amazon Music ou Apple Music, utilizando o nome do mestre ou da mestra junto à manifestação (por exemplo: *Dona Teté Cacuriá*, *Mestre Chiquinho Ciranda de Tarituba*, *Dona Selma do Coco*, *Tia Maria do Jongo da Serrinha*, entre outros). Essa combinação torna a pesquisa mais assertiva e enriquece o repertório de descobertas.

Também destacamos o YouTube como ferramenta fundamental para as práticas escolares. Por ser uma plataforma gratuita e amplamente acessível, ela permite encontrar álbuns completos, clipes, apresentações ao vivo, documentários e registros audiovisuais que aprofundam o olhar e a escuta sobre os mestres, seus contextos e suas histórias. Portanto, você encontrará:

- Músicas pontuais para dançar com os alunos;
- Álbuns completos disponíveis no YouTube (em forma de link);
- Sugestões de busca por artistas e grupos;
- Referências que dialogam com os anos iniciais do Ensino Fundamental, valorizando a escuta ativa, o ritmo e a ludicidade.

A ideia é ir além do consumo passivo da música: queremos escutar com o corpo todo, cantar com o chão da escola e permitir que a cultura popular ecoe nas práticas pedagógicas como uma batida viva e transformadora.

5.1 CACURIÁ

Álbum: Cacuriá de Dona Teté - 1998

Destaco nesse álbum a faixa 2 - Jabuti e Jacaré - Músicas que exploram o universo infantil do brincar. Música muito utilizada nas minhas aulas de Cacuriá nos Anos Iniciais.

Cacuriá - Camboa (Dona Teté)

A música Camboa de Dona Teté é outra música que trabalho em minhas aulas de anos iniciais.



Cacuriá - Beija Flor (Pé no Terreiro)

A música Beija-flor do Cacuriá também é muito boa para trabalhar nos anos iniciais. Utilizo muito nas minhas aulas



Cacuriá - Peixe Tralhoto (Pé no Terreiro)

A música Peixe Tralhoto é outro exemplo de Cacuriá que trabalho em minhas aulas de Anos Iniciais do Fundamental. Muitas das vezes inicio cantando a música pra eles e contando a história da letra da música ou da manifestação, ou do local para introduzir a movimentação corporal, estimulando a criação e imaginação dos alunos.



5.2 APOSTILA DE FOLCLORE (CIA FOLCLÓRICA DO RIO - UFRJ)

https://soundcloud.com/user-947620787/sets/apostila-de-folclore?si=81408121569d4dbb93e04e96c0aa7797&utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing

A Cia Folclórica do Rio - UFRJ atua como grupo de pesquisadores e artistas do Folclore brasileiro a quase 40 anos comandado pela grande mestra Eleonora Gabriel, na qual faço parte como pesquisador, brincante dançarino e coreógrafo há 21 anos. A Cia desenvolveu uma Apostila de Folclore para servir como apoio para os alunos dos cursos de Educação Física e Dança da UFRJ que sempre retornavam a universidade e procuravam os professores da cadeira de Folclore para lembrar determinada dança e requisitando as músicas. E assim juntamente com a elaboração da Apostila foi também desenvolvida um CD. Sendo assim, disponibilizo aqui esse CD que está na plataforma do SoundCloud.

Basta acessar a plataforma de streaming SoundCloud e buscar por "Apostila de Folclore", "Brasileirices", "Pastoril e Reisado", este material é postado pelo professor Frank Wilson (Professor de Folclore da EEFD - UFRJ), ou seja, pelo nome dele e por essas palavras-chaves podem encontrar facilmente o material. Neste material vocês conseguem encontrar músicas das Cirandas de Tarituba, de Mineiro-pau, de Frevo, de Carimbó, de Pastoril, de Jongo, de Danças Gaúchas, de Boi de Mamão, dentre outras coisas.



5.3 CIRANDAS DE TARITUBA – PARATY (RJ)

Os cirandeiros de Tarituba têm um canal no Youtube cheio de informações e vídeos sobre eles. Com músicas, coreografias e muita história para ser explorada nas aulas. Acessem e desfrutem desse material riquíssimo.



APRESENTAÇÃO MUSICAL- Caranguejo – Canal Ciranda de Tarituba – Paraty. Essa música Caranguejo da Ciranda de Tarituba é uma das mais trabalhadas por mim nas aulas.

APRESENTAÇÃO MUSICAL- Arara - Canal Ciranda de Tarituba – Paraty

A música do Arara das Cirandas de Tarituba é outra que trabalho para os anos iniciais bastante. Dando contexto histórico e de forma de brincadeira essa dança é bem explorada por mim.



APRESENTAÇÃO MUSICAL – Ciranda

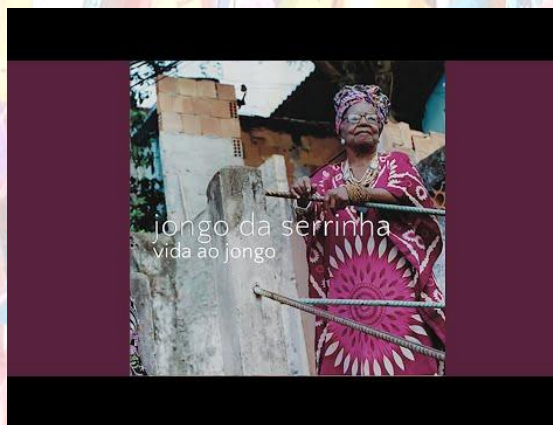
A música da Ciranda é importantíssima quando se propõe trabalhar com as Cirandas do Rio de Janeiro, pois é uma das modas que não faltam no baile dos cirandeiros. "Vamos indo, vamos indo na ciranda cada um com o seu par."

5.4 JONGO

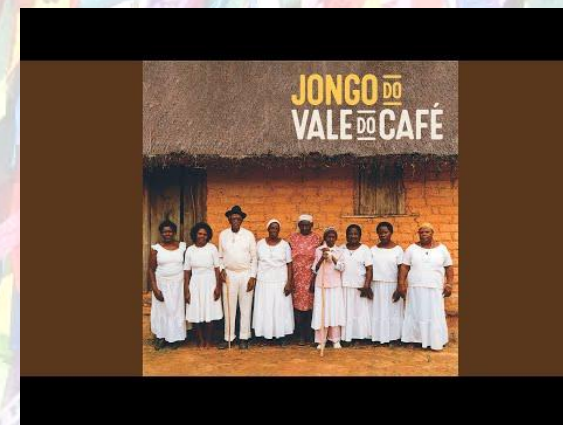
Jongo do Quilombo São José da Serra - Valença RJ



Jongo da Serrinha, Madureira – RJ

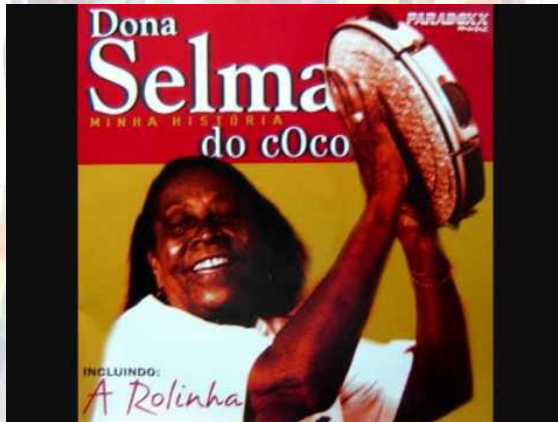


Álbum Jongo do Vale do Café -
Músicas do Jongo de Pinheiral, do Quilombo São José e do Jongo da Serrinha.

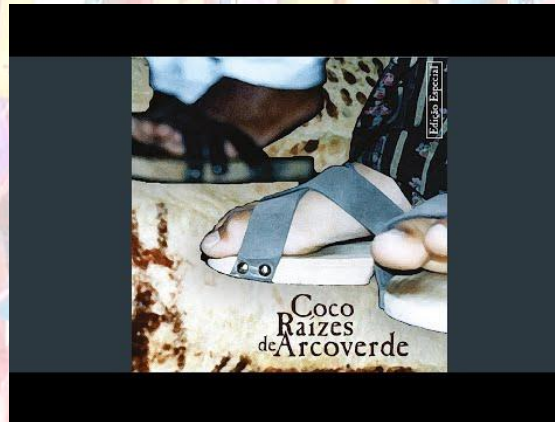


5.5 COCO

Coco - Dona Selma do Coco (Minha História (1998) / Dona Selma Do Coco)



Coco Raízes de Arcoverde



Dona Glorinha do Coco, primeiro CD



5.6 FREVO

SpokFrevo Orquestra - 100 anos de Frevo (É de Perder o Sapato) - CD 1



SpokFrevo Orquestra | Instrumental Sesc Brasil



5.7 BOI PINTADINHO E MINEIRO-PAU DE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA – RJ

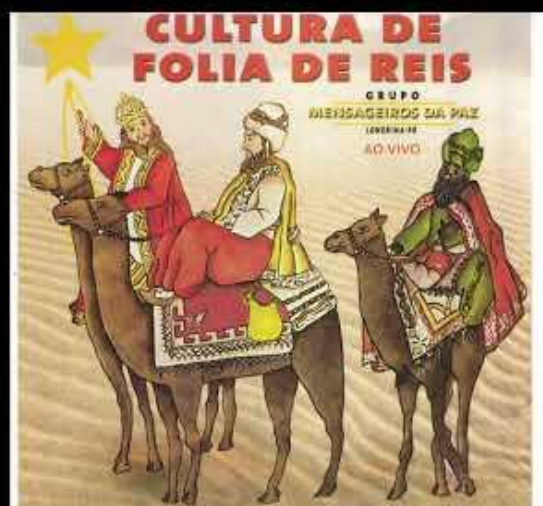


MINEIRO PAU - Danças Folclóricas - iFollore #follore #boipintadinho #mineiropau #maneiropau

5.8 FOLIA DE REIS

Folia de Reis Estrela de Ouro

CD Folia de Reis Estrela de Ouro



Folia de Reis

Cultura de Folia de Reis - Grupo Mensageiros da Paz



6. REFERÊNCIAS QUE NOS MOVEM – DESTACA O PAPEL INSPIRADOR DOS AUTORES TEXTOS



Neste espaço, entre palavras e pensamentos, vamos trilhar com quem já escreveu os caminhos, portanto convido a caminhada por entre as páginas que fundamentam o pensamento deste trabalho. Aqui habitam os ecos de vozes que me acompanharam na travessia acadêmica e afetiva, construindo pontes entre a escola, o corpo, o brincar e as culturas populares. São textos que não apenas informam, mas inquietam. Teóricos que, com sua escrita potente, nos provocam a pensar a Educação para além da técnica e do conteúdo, entendendo-a como território de disputa simbólica, política e cultural.

Stuart Hall nos empresta suas lentes para refletirmos sobre identidade, cultura e representações, ajudando-nos a compreender a fluidez dos pertencimentos e o entrelaçamento de memórias. Néstor García Canclini nos oferece ferramentas para navegar nos processos de hibridação cultural e pensar as culturas juvenis e populares em tempos de globalização. Já Marcos Garcia Neira, em sua proposta de currículo cultural e abordagem pós-crítica, nos inspira a reconhecer as culturas das infâncias e juventudes como parte viva do conteúdo escolar, principalmente na Educação Física.

A leitura desses autores e autoras não se faz de maneira solitária. Aqui, compartilho também artigos e obras que contribuíram para abrir caminhos no corpo da dissertação e no corpo da pesquisa. Cada texto indicado traz não apenas uma base teórica, mas a possibilidade de escuta, de reencontro com saberes que talvez já habitassem os nossos quintais, nossas rodas e nossos tambores. Que este espaço seja um ponto de apoio para novas investigações, planejamentos e reflexões. Que os textos aqui reunidos possam pulsar junto com a realidade de cada território escolar, abrindo horizontes para práticas educativas mais críticas, sensíveis e enraizadas na diversidade cultural dos sujeitos que habitam nossas salas de aula. Boa leitura e boas inquietações!

6.1 TECENDO SABERES, BORDANDO IDENTIDADES

Nesta trilha de referências que sustenta o corpo e a alma desta pesquisa, destacam-se três obras que foram fios condutores para compreender as complexas tramas entre cultura, identidade e currículo. Stuart Hall, com seu clássico *"Identidade Cultural na Pós-modernidade"*, oferece uma bússola teórica para navegar pelos deslocamentos e reinvenções identitárias em tempos de multiplicidade. Hall nos convida a reconhecer que a identidade não é fixa, mas um movimento contínuo de tradução, negociação e pertencimento – ideia essencial para pensar o ensino de folclore de forma viva e situada.

(HALL, S. *Identidade Cultural na Pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.)

Em *"Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais"*, organizado por Tomaz Tadeu da Silva, Hall e Kathryn Woodward ampliam esse debate, provocando reflexões sobre como as diferenças culturais são construídas, representadas e muitas vezes silenciadas nos espaços escolares. É um chamado à escuta, ao reconhecimento do outro e à valorização das vozes que dançam à margem dos currículos hegemônicos.

(SILVA, T. T. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* / Tomaz Tadeu da Silva (org). Stuart HALL, Kathryn WOODWARD. 9ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.)

Por fim, o próprio Tomaz Tadeu da Silva, em *"Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo"*, mergulha nas disputas simbólicas do campo curricular, desvelando que ensinar é também um ato político de seleção, exclusão e inclusão de saberes. Sua escrita afiada e crítica sustenta a ideia de que todo currículo é também um projeto de identidade.

(SILVA. T. T. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.)

Essas leituras não apenas fundamentam a pesquisa, mas provocam rupturas e aberturas. São convites ao pensamento em movimento, ao olhar que reconhece a escola como território de culturas, memórias e resistências.



6.2 ENTRE MISTURAS E FRONTEIRAS: OS MAPAS HÍBRIDOS DE CANCLINI

O pensador argentino Néstor García Canclini nos convida a dançar entre as margens da cultura, onde o moderno e o tradicional se entrelaçam num eterno recomeço. Em “*Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*”, Canclini propõe olhar para as zonas de contato, as mesclas, os atravessamentos — e é nesse olhar que sua obra se conecta profundamente com esta pesquisa, que trata o folclore não como essência estática, mas como potência em movimento.

(CANCLINI. N. G. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4ªed. São Paulo: Usp, 2008.)



Já em “*Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*”, Canclini propõe outro giro: cartografar as distâncias, os silêncios, as exclusões e os (des)encontros culturais no mundo globalizado. Suas reflexões sobre a interculturalidade foram fundamentais para pensar os tensionamentos entre o saber escolar e os saberes populares, entre o currículo prescrito e o vivido, entre o centro e as margens que resistem com tambores, passos e vozes.

(CANCLINI. N. G. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. 3ªed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.)

Ambos os livros ajudam a afinar o olhar, ampliar as escutas e reconhecer que ensinar folclore na escola é também se situar nesses mapas em movimento, onde o conflito e a criação convivem — e a cultura se recria como um mosaico cheio de sentidos e pertencimentos.

6.3 CURRÍCULO CULTURAL: O RITMO QUE MOVE ESTA PESQUISA

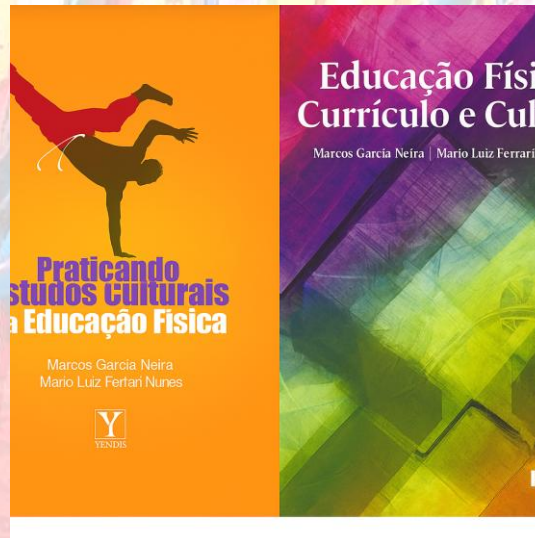
Ao adentrar os caminhos do Currículo Cultural, esta pesquisa encontra sua mola propulsora nas reflexões de Marcos Garcia Neira e Mário Luiz Ferrari Nunes. É a partir de suas obras — *“Educação Física, Currículo e Cultura”* e *“Praticando Estudos Culturais na Educação Física”* — que se firmam os pilares teórico-metodológicos que sustentam este Produto Educacional, em que o Folclore é vivido, pensado e proposto como conteúdo legítimo da escola.

(NEIRA, M. G; NUNES, M. L. F. *Praticando Estudos Culturais na Educação Física*. São Paulo: Yendis, 2009; NEIRA, M. G; NUNES, M. L. F. *Educação Física, Currículo e Cultura*. São Paulo: Phorte, 2009.)

Inspirado pelos Estudos Culturais e Currículo Cultural entende o conhecimento identitária. Nele, o Folclore não aparece como expressão viva, reinventada nos gestos, nas músicas dos sujeitos escolares. É nessa se ancora: compreender o Folclore como incorporando-o às práticas pedagógicas com

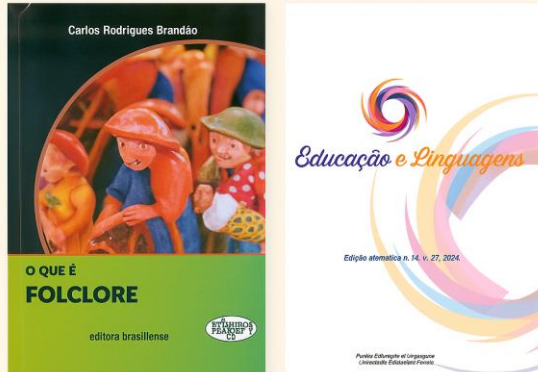
Neira e Nunes provocam a escola a produção cultural, e o/a professor/a como construção do conhecimento escolar. Ao

múltiplas expressões, esses autores fortalecem a defesa de um currículo que escute, acolha e dialogue com as realidades que atravessam os corpos, territórios e memórias dos estudantes. Assim, o Currículo Cultural não é apenas referência: é chão, é bússola, é o próprio ritmo que conduz esta proposta pedagógica, que se compromete com uma Educação Física culturalmente sensível e comprometida com a justiça curricular e epistêmica.



pelas epistemologias do cotidiano, o como construção situada, histórica e algo exótico ou ultrapassado, mas como falas, nas brincadeiras, nas danças e nas perspectiva que a proposta desta pesquisa linguagem e cultura em movimento, sentido, afeto e criticidade.

enxergar a si mesma como espaço de mediador/a entre os saberes populares e a valorizarem a cultura dos alunos e suas



6.4 FOLCLORE

(BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é Folclore*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.)

Carlos Rodrigues Brandão é um dos mais importantes pensadores da educação popular no Brasil, atuando com firmeza nos campos da antropologia, cultura e saberes tradicionais. Nesta obra, ele convida o leitor a romper com o senso comum que reduz o folclore a “coisas do passado” ou a festejos escolares estereotipados. Brandão enxerga o folclore como expressão viva e atual das culturas populares, que resistem, recriam e educam. Esta e outras obras do autor estão disponíveis no site www.apartilhadavida.com.br, um verdadeiro acervo de suas memórias, ideias e contribuições à educação.

(GUTERRES, D.V.W; WOLFFENBÜTTEL, C.R. *Produção científica sobre folclore nos periódicos de educação*. Revista Educação e Linguagens, v. 11, n. 22, 2022.)

Este artigo é uma valiosa bússola para quem deseja entender como o tema do folclore tem sido tratado na produção acadêmica em Educação. Através de uma análise do estado da arte nos periódicos Qualis A1 e A2, as autoras revelam a escassez de pesquisas que abordam o folclore como conteúdo pedagógico, especialmente na Educação Básica. Os dados apontam a urgência de trazer o folclore para o centro do debate educacional, valorizando-o como patrimônio cultural e saber significativo no cotidiano escolar.

Acesse: <https://doi.org/10.33871/22386084.2022.11.22.354-378>

6.5 CURRÍCULO

Pensar o currículo é pensar o que se ensina, por que se ensina e como se ensina. Mais que uma estrutura formal, o currículo é também um campo de disputas, uma arena de vozes e silêncios. É nesse contexto que esta subcategoria busca apresentar textos fundamentais que ajudam a problematizar o lugar (ou o não lugar) do folclore e das culturas populares no currículo escolar.

O artigo de Barros e Franzi questiona o apagamento do folclore nos documentos curriculares da educação básica, desvelando como as culturas populares ainda ocupam um espaço marginalizado, muitas vezes estereotipado. É um convite à reflexão sobre o que se prioriza nos currículos oficiais e o que se relega à sombra da tradição.

(BARROS, L. F. N.; FRANZI, J. O (não) lugar do folclore no currículo da educação básica. UNILA, 2022. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/6673;jsessionid=013BC8D5CCC58C9691B3DB9BEAC6F401>)

Já os textos de Marcos Garcia Neira, em coautoria com Mário Luiz Ferrari Nunes, Silvia Pavesi Sborquia e Marcos Ribeiro Neves, são alicerces teóricos para esta pesquisa. Neira é referência incontornável quando se trata do Currículo Cultural em Educação Física — uma proposta pedagógica que entende a escola como espaço de produção e circulação de saberes plurais, que valoriza as práticas culturais dos sujeitos e propõe um ensino conectado com as realidades, identidades e territórios dos estudantes. Seus textos abordam dimensões políticas, epistemológicas e pedagógicas do currículo cultural e oferecem caminhos possíveis para a inserção crítica e potente das danças populares, dos saberes do corpo, das memórias e do folclore nas aulas de Educação Física. Mais do que apenas



conteúdos a serem transmitidos, essas leituras sugerem que o currículo pode ser um território de afirmação, de valorização das diferenças e de construção de um ensino mais justo, plural e emancipador.

- NEIRA, M. G; NUNES, M. L. F. As dimensões política, epistemológica e pedagógica do currículo cultural da educação física. Capítulo 2, XX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), Goiânia, 2017.
- NEIRA, M. G; SBORQUIA, S. P. As Danças Folclóricas e Populares no Currículo da Educação Física: possibilidades e desafios. Motrivivência Ano XX, Nº 31, P. 79-98 Dez./2008
- NEVES, M. R.; NEIRA, M. G. O currículo cultural de Educação Física em ação: efeitos nas representações culturais dos estudantes sobre as práticas corporais e seus representantes. Motrivivência, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 1–19, 2020.

7. TROCA DE EXPERIÊNCIAS

7.1 Experiências: Folclore que se vive

Este espaço é feito para partilhar vivências. Aqui, professores e professoras são convidados a contar como o folclore atravessa suas aulas, suas escolas, seus alunos. Relatos de práticas, memórias, aprendizados e desafios que mostram o folclore como algo vivo, presente, cotidiano. Mais do que conteúdos, queremos histórias — da roda que se formou, da cantiga que ecoou, da dança que mobilizou. Compartilhar é multiplicar caminhos. Vamos juntos!



7.2 Quando o Currículo é Encontro (e Enfrentamento)

Como professor, já me vi diante de muitas encruzilhadas. Algumas delas envolvem temas que, à primeira vista, parecem simples, mas que carregam tensões profundas. A Festa Junina, por exemplo, já foi motivo de discussão e desconforto em diferentes escolas onde atuei, especialmente por sua associação com santos católicos e práticas religiosas populares. Diante dessas situações, eu poderia ter recuado — poderia ter simplesmente deixado de trabalhar o tema, evitar o confronto. Mas sempre me pergunto: até que ponto é ético, pedagógico e justo silenciar diante de tensões que atravessam o currículo? Até que ponto nosso papel como educadores é só entregar conteúdos “seguros”, neutros, que não causem estranhamento? Acredito que não. A escola é, sim, lugar de debate, de diversidade e de enfrentamento respeitoso das diferenças.

O caminho que escolhi seguir é o de não negar as demandas que surgem da comunidade escolar, mesmo quando elas me tiram da zona de conforto. Se o tema chega, é porque ele pulsa — e, se pulsa, merece ser cuidado. Quando não tenho domínio completo sobre o assunto, busco referências, estudo sua origem, entendo seus desdobramentos históricos e culturais. Não trato nenhum tema de forma descolada da realidade — evito cair no automático, no “mais do mesmo”.

No caso da Festa Junina, costumo propor outro olhar: o da celebração do milho, da colheita, do trabalho no campo, dos festejos que celebram fartura e partilha. Trago a pergunta: quem trouxe essa manifestação? O que ela representa nas diversas regiões do Brasil? O que ela carrega de história, de luta, de resistência? Mais do que ensaiar coreografias prontas, busco construir junto com os alunos. A dança é descoberta, criação e escuta. Cada passo que damos juntos é um convite à compreensão e ao respeito pela cultura popular — não como folclore estereotipado, mas como expressão viva do nosso povo.

Isso não significa ignorar os conflitos, como os ligados à intolerância religiosa. Pelo contrário: abrimos espaço para falar sobre isso com sensibilidade. Não imponho visões, mas também não abandono debates importantes. Acredito que, quando evitamos o confronto, contribuimos para que determinadas culturas permaneçam apagadas — e é exatamente isso que desejo transformar. Por

isso, escolho sustentar o currículo como espaço de disputa simbólica e política, onde a diversidade cultural é reconhecida, valorizada e problematizada. É nesse chão, feito de tensões e possibilidades, que sigo construindo minha prática docente.

8. REFLEXÕES E POSSIBILIDADES PARA PLANEJAMENTO

A proposta aqui nesse espaço é para inspirar e provocar o planejamento pedagógico a partir de sugestões abertas, críticas e dialógicas. O objetivo não é entregar receitas prontas, mas oferecer ferramentas de reflexão e criação para que o(a) professor(a) se sinta autor(a) do processo, em escuta com os alunos, suas culturas, histórias e territórios.

8.1 Quando o Frevo se Aproxima: ludicidade, território e hibridismo em aula

Esta proposta foi vivida em uma aula de Educação Física dentro de um eixo temático voltado para as danças regionais brasileiras — não no mês do folclore, mas como parte orgânica de um currículo que valoriza a cultura como prática viva e permanente. A escolha pelo frevo se deu por sua potência expressiva, corporal e histórica. Sabendo que muitos alunos o viam como algo distante — geograficamente, simbolicamente, esteticamente —, busquei criar pontes culturais que tornassem essa manifestação mais próxima e significativa para eles.

Antes de iniciar a prática, compartilhei com os alunos uma conversa sobre o frevo e seus passos tradicionais, e também sobre o fato de que elementos do frevo já são apropriados por estilos contemporâneos como o funk carioca, especialmente no passinho. Essa relação foi verbalmente explorada em aula como forma de despertar a identificação, mostrando que, mesmo com origens diferentes, há pulsos que se conectam, gestos que dialogam, culturas que se entrelaçam.

A brincadeira escolhida para experimentar os movimentos foi uma adaptação do clássico “Vivo ou Morto”, agora com comandos que evocavam movimentos do frevo: agachar, saltar, girar, desequilibrar-se com controle — sempre com energia e expressão corporal. As “sombriinhas” do frevo também ganharam nova forma: foram criadas com casacos, garrafinhas, chinelos, aquilo que os alunos tinham à disposição. Assim, a estética do frevo se reinventou naquele chão escolar, com sentido, pertencimento e invenção.

Mais do que ensinar uma dança, a aula se tornou uma experiência de hibridismo cultural, como propõe Néstor García Canclini. Um momento em que os alunos puderam perceber que suas práticas corporais — mesmo aquelas do cotidiano urbano — estão em constante diálogo com outras tradições, e que aprender uma dança é também ampliar seu repertório de mundo. O vídeo que acompanha esta proposta mostra essa prática em ação. O mais importante não são os passos em si, mas os sentidos que dançaram junto com eles.



Aula de Educação Física realizada por mim (prof.: Rodrigo) no município de São João de Meriti - RJ, que trabalho.

8.2 Dançar como o mar: a ciranda que mora perto e a gente nem sabia

Quando falamos em Ciranda, quase sempre os alunos (e mesmo nós, professores) associamos de imediato ao Nordeste. É comum ouvirmos aquele refrão conhecido – "*Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar...*" – como se essa fosse a única possibilidade de existência desse tipo de dança no nosso imaginário. Mas, nessa aula, quis provocar: e se as cirandas também morassem aqui, perto da gente?

Iniciei a proposta apresentada uma manifestação pouco conhecida por eles: as Cirandas de Tarituba, uma colônia de pescadores em Paraty, no litoral do Rio de Janeiro. Expliquei que essa ciranda era dançada por adultos e crianças, e que sua origem está profundamente ligada à vida no mar, às redes, à espera, aos barcos, aos ritmos das águas. Perguntei então: “*Vocês conhecem alguma ciranda aqui do nosso estado?*” – e as respostas vinham sempre atreladas à música infantil ou ao que já haviam ouvido sobre o Nordeste. Foi o momento de apresentar outra possibilidade de mundo: a ciranda dos pescadores do nosso próprio território fluminense.

Com a música do “Caranguejo” tocando, fizemos juntos um mergulho poético. Primeiro, escutamos a música. Depois, perguntei: “*O que podemos fazer com o corpo se somos pescadores e estamos dançando à beira do mar?*” – e as respostas vieram com espontaneidade: “*a onda do mar!*”. Assim, juntos, criamos uma coreografia: durante a melodia, simulávamos a onda do mar nos nossos corpos; no refrão, seguíamos os comandos da canção, batendo os pés e as mãos, como pede a tradição.

Mais do que aprender uma dança, a turma experimentou a construção de um novo olhar sobre a cultura popular: perceberam que ela não está distante, congelada ou presa a uma única geografia. Entenderam que há saberes vivos perto de suas realidades, que também são dignos de estudo, celebração e movimento. Foi assim que, brincando de mar e caranguejo, fizemos da aula de Educação Física uma roda onde cabia o corpo todo — com suas perguntas, memórias, gestos e descobertas.



Ciranda de Tarituba na aula de Educação Física - Música:
Caranguejo

8.3 Brincar de lembrar: a cultura que mora em nós

Uma das formas mais potentes de trabalhar o folclore nas aulas de Educação Física é partir da memória — daquilo que brincamos, que vimos brincar, que ouvimos contar. Não como saudade ou nostalgia, mas como matéria viva, que se reinventa com o tempo e que carrega as marcas do território, da família, da comunidade, do mundo. Nesta sugestão, convidamos os alunos a realizarem uma “pesquisa sobre si”:

- *O que você brinca hoje nas ruas, em casa, na escola?*
- *O que seus pais e avós brincavam ou dançavam?*
- *Quais festas eles frequentavam? O que ouviam, o que usavam, como celebravam?*

Esse mergulho pessoal pode ser transformado em mapas afetivos da cultura: registros escritos, desenhados, gravados ou encenados que ajudem a turma a visualizar e compartilhar os saberes que habitam seus corpos e histórias. A partir desses mapas, ou trabalhos de pesquisas é possível propor que alguns jogos, brincadeiras ou danças sejam revisitados, reinventados, transformando a sala ou a quadra num espaço de escuta, memória e invenção.

É fundamental, nesse processo, compreender que as brincadeiras da nossa infância não são mais importantes nem mais formativas do que as de hoje. Outras dinâmicas culturais surgem, se misturam, se atualizam, porque a cultura também brinca com o tempo. O que vale é o significado que cada prática carrega — seja ela uma ciranda, um pique-esconde ou uma dancinha de TikTok.

Trabalhar a partir da memória é reconhecer a pluralidade dos sujeitos, o valor da escuta e a riqueza de se perceber autor de uma história que se move.



Corrida de Tampinha com alunos do município de Volta Redonda - RJ

8.4 Conflitos, Confrontos e Possibilidades - Práticas que não silenciam o que precisa ser dito

“Eu não posso fazer capoeira porque minha mãe disse que é coisa de macumba.”

“Não vou dançar na festa junina. Minha religião não permite.”

“Homem não dança. Isso é coisa de menina.”

“Não quero lutar com ela. Mulher é fraca.”

“O cabelo dela é ruim.”

Essas frases não estão em livros, nem em palestras. Elas vêm dos recreios, das quadras, das filas de alunos, das salas de aula. E nós, professores e professoras, estamos no centro desse chão, enfrentando todos os dias tensões que atravessam o currículo, o corpo, as relações, a cultura. Este espaço não é um manual de respostas prontas. É um lugar de possibilidades práticas, construídas a partir de experiências reais em que não silenciar é parte do compromisso com a educação.

Aqui, compartilhamos sugestões de aulas e encaminhamentos pedagógicos que nos ajudam a lidar com os conflitos sem negá-los, sem desviar, sem suavizar.

Porque racismo, intolerância religiosa e homofobia não são opiniões: são crimes. E silenciar diante deles é, muitas vezes, reforçar sua presença. É claro que o caminho é delicado. Até onde podemos nos impor como professores? Como agir quando o aluno se recusa? Quando o colega discorda? Quando a gestão não apoia? Quando o responsável questiona? Estudando. Se apropriando das leis, dos currículos, das diretrizes que regem a educação brasileira. Conhecendo o que o Projeto Político Pedagógico da escola diz. Sabendo o que a CF, a BNCC, a LDB, o ECA e o PNE asseguram. E, sobretudo, tendo clareza do seu lugar como educador.



É pela liberdade de cátedra, sim — mas com responsabilidade pública. É pela construção de um ambiente escolar que não apenas tolere a diversidade, mas a acolha, a promova, a celebre. Não queremos confrontar por confrontar. Mas também não podemos seguir ensinando com base em silenciamentos. Há formas pedagógicas de problematizar, escutar, tensionar e continuar. E é isso que esta subcategoria pretende oferecer: caminhos possíveis — não receitas — para não renunciarmos ao que nos move: uma educação crítica, plural, comprometida com os direitos humanos.



8.5 Quando a aula é também ato de coragem: práticas pedagógicas para não silenciar

A escola realiza sua Festa Junina. Ela está no calendário pedagógico, envolve toda a comunidade, e a Educação Física, como componente curricular, também compõe esse processo. Mas o que fazer quando, durante os ensaios ou as aulas, escutamos:

- “Não vou dançar porque minha religião não permite.”
- “Isso é coisa de macumba, minha mãe não deixa.”
- “Homem não dança.”
- “Não quero fazer aula hoje porque não gosto disso.”

Não são situações raras. Pelo contrário, são frequentes, sensíveis e complexas. E exigem de nós não uma postura autoritária, mas uma ação pedagógica firme, ética e embasada. No meu caso, quando organizo ensaios de danças populares no contexto da Festa Junina — ou mesmo fora dela, dentro de um trabalho com danças

regionais — deixo claro desde o início que o processo coreográfico é parte da aula de Educação Física. Isso quer dizer que todos os estudantes participam, porque se trata de um direito assegurado legalmente pela Constituição Federal, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). A aula é obrigatória como qualquer outra. Não é uma atividade opcional. Não é recreação. É conteúdo curricular.

Quando algum aluno ou aluna se recusa a participar por motivações religiosas ou por argumentos associados à intolerância, como dizer que a Capoeira é “coisa de macumba”, ou que “brincadeiras africanas não são de Deus”, minha primeira ação é conversar abertamente com a turma. Sem constranger. Sem ridicularizar. Mas também sem deixar passar. Explico, com cuidado e profundidade, que estamos diante de manifestações culturais importantes da história do Brasil. Que o preconceito que muitas vezes as envolve é fruto de ignorância histórica e intolerância religiosa, que já causaram e ainda causam violências reais em nossa sociedade.

Apresento dados, fatos, contextos. Digo com todas as letras que racismo e intolerância religiosa são crimes no Brasil. Que escola não é espaço de censura, mas de escuta, de diálogo e de enfrentamento ao preconceito. Também ressalto que muitas falas e recusas vêm da reprodução do que se escuta em casa. E que isso não torna a criança culpada, mas reforça a importância do professor agir com consciência crítica e responsabilidade pedagógica.

Se a aula é sobre Maracatu, Capoeira, brincadeiras indígenas ou africanas — eu não retiro do planejamento por medo do conflito. Pelo contrário. Encaro como oportunidade de educar, de ampliar o repertório, de provocar reflexão. Mostro que existe beleza, história, resistência e dignidade nesses saberes. E quando a resistência parte da escola, da gestão ou até de colegas? Me amparo nos documentos legais, nos currículos, nas leis e nas pesquisas que embasam minha prática. Professor também precisa estudar para defender a liberdade de ensinar. Com argumentos. Com posicionamento. Com coragem. O que proponho aqui não é um roteiro fechado. Mas uma sugestão de como não recuar diante daquilo que precisa ser dito e vivido na escola. Não se trata apenas de dar uma boa aula. Trata-se de formar sujeitos conscientes do mundo que habitam — e que podem transformar.

8.6 Referência não é Receita

Na construção de práticas pedagógicas com o folclore, é preciso compreender que usar uma referência — seja uma música, um vídeo, uma dança ou um objeto — não significa copiá-la de forma engessada. Referência é ponto de partida, não ponto de chegada. É o sopro inicial, não o roteiro fechado. Nesta reflexão e possibilidade, o convite é para que professores e professoras se autorizem a experimentar, adaptar, recriar. Que não tomem o material como uma verdade única, mas como um disparador de sentidos. É preciso escutar os alunos, suas histórias, seus repertórios, suas formas de brincar, dançar e se expressar.

O vídeo que apresenta uma brincadeira tradicional pode ser reimaginado com os materiais da escola. A música que apresenta um ritmo pode ser ponto de criação de outras letras, com outras vivências. É nesse caminho que a cultura vive: na transformação, no improviso, na escuta. O professor e a professora, neste contexto, não são transmissores de tradições fixas, mas mediadores de experiências culturais vivas, plurais, em constante movimento. Aqui, o que se propõe são ideias, não receitas. Caminhos possíveis, não trilhas obrigatórias. Porque cada escola é um mundo, cada turma é um território, cada aula é uma chance de reinventar o que nos constitui como sujeitos culturais.

8.7 Jongo — Ritmo, Ancestralidade e Palavra

Exemplo de possibilidades de trabalhar com essa referência: Trecho de vídeo de uma roda de Jongo do Sudeste (ex: Jongo da Serrinha ou Jongo de Pinheiral), que mostre o tambor, os pontos (versos cantados), a roda e a dança de umbigada. Como trabalhar isso em aula:

- Aproximação inicial: escutar os “pontos” e perguntar: o que estão contando? Quem canta? Como dançam?
- Discussão: O que é uma roda? Por que se dança em roda? Quais danças os alunos já viram ou fazem que envolvem roda?
- Desdobramentos:
 - Criar versos rimados coletivamente (ex: sobre o bairro, a escola, a infância).

- Explorar o ritmo com batidas em bancos, latas, tambores improvisados.
- Recriar uma roda com umbigadas, adaptando para a realidade da turma com respeito e ludicidade.
- Conexão com o presente: conversar sobre onde o Jongo ainda é dançado hoje, a luta dos jongueiros e o reconhecimento como patrimônio cultural.

O Jongo, aqui, é mote para ativar a oralidade, a poesia, o ritmo e o corpo coletivo da turma — com respeito à ancestralidade, mas com liberdade para brincar e recriar.



Aula de Jongo com alunos da rede municipal de São João de Meriti

CONTRIBUIÇÕES



VAMOS
DANÇAR
JUNTOS?

9. CONTRIBUIÇÕES – VAMOS DANÇAR JUNTOS?

Este espaço é convite e caminho. Aqui, cada sugestão, ideia ou relato é bem-vindo como quem entra na roda de mãos dadas. Nada está pronto ou fechado — tudo pulsa, muda, se reinventa. Se você tem uma experiência para contar, uma prática para dividir, uma dúvida que virou descoberta... compartilhe, poste conteúdo, comente as postagens e fortaleça essa rede de saberes em movimento! Sua voz pode inspirar outros passos, outras trilhas, outras aulas.

Este território é coletivo. Estamos construindo uma curadoria viva, em movimento, feita de trocas, escutas e partilhas. Porque quando dançamos juntos, o chão da escola vira espaço de criação e transformação. Entre na roda. Deixe sua marca.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste percurso, procuramos reafirmar que o folclore, longe de ser um vestígio do passado ou um adorno restrito a datas comemorativas, constitui-se como expressão viva, plural e em constante transformação. No contexto da Educação Física escolar, ele se revela como campo fértil para a construção de práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem a diversidade cultural, as memórias coletivas e as identidades em movimento. Tal compreensão está alinhada ao que apontam os Estudos Culturais e o Currículo Cultural: o currículo é um território de disputas e negociações, onde o conhecimento não é neutro, mas tecido nas tramas do poder, da história e das relações sociais.

Este Produto Educacional foi concebido como uma curadoria viva — um Padlet que se abre como barracão digital — no qual danças, brincadeiras, cantigas, textos e reflexões se encontram e se entrelaçam. Mais que um repositório de conteúdos, ele se apresenta como convite à autoria, à troca e à resignificação. Aqui, cada professor e professora é chamado(a) a ser também

curador(a), ampliando o acervo com suas experiências, saberes e práticas, transformando-o em espaço de diálogo permanente com a escola e com a comunidade.

Assumir o folclore como conteúdo pedagógico sob a perspectiva do Currículo Cultural implica deslocar olhares e provocar novas perguntas: que histórias dançam nos corpos de nossos alunos? Que saberes brincam nos pátios e nas ruas que cercam a escola? Que tambores vibram, ainda que silenciados, na memória de nossas comunidades? Ao trazer essas questões para o centro do planejamento, abre-se espaço para que a Educação Física deixe de ser apenas um conjunto de técnicas ou atividades para se tornar também lugar de criação, de resistência e de produção de sentidos.

Convidamos, assim, cada educador(a) a percorrer as colunas desta curadoria, a explorar, adaptar e recriar as propostas, e, sobretudo, a contribuir com novas ideias e práticas. Que este Padlet seja ponto de partida e não de chegada; que inspire percursos singulares, mas conectados pelo compromisso com uma educação que valoriza as culturas populares como patrimônio vivo e fonte de aprendizagem.

Encerramos este trabalho com a convicção de que, quando professores e professoras se apropriam criticamente do folclore em suas aulas, não apenas preservam tradições, mas também constroem novas formas de convivência, pertencimento e transformação social. Que esta roda continue girando, acolhendo vozes, passos e gestos, para que possamos, juntos, (re)encantar o folclore nas aulas de Educação Física e na vida escolar.

VIVA A CULTURA POPULAR BRASILEIRA!

VIVA O FOLCLORE!

VIVA OS MESTRES POPULARES!

VIVA A EDUCAÇÃO PÚBLICA E DE QUALIDADE!

11. REFERÊNCIAS

- BARROS, Luiz Fernando Nascimento; FRANZI, Juliana. O (não) lugar do folclore no currículo da educação básica. UNILA, 2022. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/items/4c54f05a-c31c-41b4-b1b4-df94529bf324>, acesso em 13 de maio de 2025.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Educação. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- _____. A Educação como Cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- _____. Educação Popular. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- _____. O que é Folclore. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- _____. O saber popular: a educação popular na escola cidadã. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. O que é educação Popular. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.
- CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: Usp, 2008.
- _____. Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- CASCUDO, Luiz Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 12. ed. São Paulo: Global, 2012.
- _____. Antologia do folclore brasileiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1984.
- DARIDO, Suraya Cristina.; RANGEL, Irene Conceição Andrade. Educação Física na Escola: Implicações para a prática pedagógica. São Paulo: Editora Guanabara Koogan, 2005.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GUTERRES, Danielle Viegas Wolff, WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim. Produção científica sobre folclore nos periódicos de educação. Revista Educação e Linguagens, Campo Mourão, v. 11, n. 22, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.33871/22386084.2022.11.22.354-378>, acesso em 07 de maio de 2025.
- HALL, Stuart. Identidade Cultural na Pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.

- LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um Conceito Antropológico. 20. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- LOPES, Alice Casimiro.; MACEDO, Elizabeth. Teorias de currículo. São Paulo: Cortez, 2011.
- MOREIRA, Antônio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu. Currículo, cultura e sociedade. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. Praticando Estudos Culturais na Educação Física. São Paulo: Yendis, 2009.
- _____. Educação Física, Currículo e Cultura. São Paulo: Phorte, 2009.
- _____. As dimensões política, epistemológica e pedagógica do currículo cultural da educação física. Capítulo 2, XX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), Goiânia, 2017.
- NEIRA, Marcos Garcia; SBORQUIA, Silvia Pavesi. As Danças Folclóricas e Populares no Currículo da Educação Física: possibilidades e desafios. Motrivivência Ano XX, Nº 31, P. 79-98 Dez./2008
- NEVES, Marcos Ribeiro; NEIRA, Marcos Garcia. O currículo cultural de Educação Física em ação: efeitos nas representações culturais dos estudantes sobre as práticas corporais e seus representantes. Motrivivência, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 1–19, 2020.
- NÓVOA, António. Professores: Imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.
- ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SILVA. Tomaz Tadeu. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo. 3ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- _____. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais / Tomaz Tadeu da Silva (org). Stuart HALL, Kathryn WOODWARD. 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.